

# INDEPENDENTE

Editor—João da Silva.

Redacção e administração—Rua de S. Thiago 14 e 16  
Impressão—Typographia de Albano Pires, rua da Rainha, 120.



Condições d'assignatura

Anno, 1\$200; com estampilha 1\$500. Africa e Brazil, 3\$000 reis.

Publicações—Anuncios e communicados, por linha 40 reis, repetidos 20 reis.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

GUIMARÃES, 9 DE MARÇO DE 1902

## Homenagem a Martins Sarmiento

Eu não devia, fraco d'engenho e apoucado de meritos, carecido de sciencia que me ajude e de talento que me recomende, ser o primeiro a assignar na homenagem que á memoria de Martins Sarmiento presta hoje o «Independente»; mas ao tomar sobre mim este encargo (que ás primeiras linhas já começo a sentir pesado) não fui sondar a minha competencia encarada sob qual aspecto; botei tão somente os olhos á admiração e achando-a incommensuravel, com tal diploma me apresento aqui, seguro de que ninguem legitimamente poderá disputar-me a primazia em veneração e respeito ao Grande Morto.

Todavia, apostolo assim fervente de um Mestre Supremo ha pouco fallecido, nunca andei na sua intimidade; e as minhas linhas d'agora não revelam particularidades de um viver que não conheci, nem perpetuam palavras salidas de labios que ouvi uma vez, mas nunca escutei.

Vi-o apenas de relance por tres vezes; e onde aprendi a amal-o, a veneral-o e a conhecel-o foi só no elogio perenne de seus amigos e melhor nas suas obras que a minha ignorancia tem solettrado a custo.

N'esses vastos testemunhos de inegualavel saber, de muito amor da patria e muito amor do estudo, transparece a serena despretenção de uma alma nobre, que se dava por bem paga de trabalhosas fadigas podendo indicar uma orientação determinada ao estudo das nossas origens, á interpretação dos monumentos que nos restam e conseguindo a revindicação da nossa procedencia ligurica sem ou com tão insignificante mistura de elementos celticos que nem valia a pena fallar n'elles.

São dois os seus principaes trabalhos nos domínios da proto-historia.

O primeiro, estampado em 1880 e totalmente refundido dezeseis annos depois, é a commentação sagaz e methodica do poema de Festus Avienus no que diz respeito ás costas da Europa Occidental.

N'elle vae seguindo passo a passo a obra do poeta grego, analysando os dados que sobre cada golpho, cada promontorio, cada ilha ou rio, ella lhe fornece. Parte do principio de que o auctor se guiou por um roteiro phenicio de longa antiguidade e que desconhecendo as regiões descriptas tudo transtornou com as identificações que quiz fazer.

A sua vista perspicaz descobre a verdade no erro, e a luz resalta com uma evidencia que nenhum demonstrador logrou ainda ter maior.

O outro de 1887 é a averiguação paciente do verdadeiro significado e exacta orientação da viagem dos Argonautas contada no falso Orpheu e melhor em Apollonio de Rhodes.

N'este livro onde se accumula somma enorme de observações originaes, reveladoras da mais complexa e completa erudição, prova-se que a *Argonautica* não é a versificação d'uma lenda puramente mythica e que a expedição de Jason não podia velejar para a Colchida desconhecida ao tempo dos Gregos; prova-se tambem que o paiz d'Aetes deve procurar-se na costa de Inglaterra, e provando-se por ultimo que Gregos não podiam fazer proezas maritimas como as que diz o poema, no mesmo passo se demonstra que só a Phenicios pode imputar-se tão alto feito.

A deshellenização da lenda dos Argonautas e a sua attribuição ás aptidões maritimas da raça dos

Phenici é assim uma das principaes observações do estudo de Martins Sarmiento e um dos factos que ha n'ella mais dignos de ponderação.

Postas estas observações n'uma introdução, são examinados o decimo e undecimo trabalhos de Hercules e os Errores de Ulysses, com bastas e sobejas razões considerados versões diversas da mesma lenda poetisada na *Argonautica*.

N'esta, como nos Errores, descontinava o sabio extincto duas viagens independentes, ligadas por um laço artificial, correspondendo uma ao decimo trabalho de Hercules, viagem á Erythia, *non plus ultra* da navegação semitica para o norte e a outra ao undecimo trabalho, viagem ás Hesperides *terminus* da mesma navegação para o meio-dia.



F. MARTINS SARMENTO  
EM 1865

Depois d'isto é que o poema de Apollonio é abordado directamente; mas os capitulos mais interessantes dos *Argonautas*, como os mais interessantes da *Sea Mactilina*, são os que traçam o quadro ethnographico de toda a Europa occidental.

Esta parte dos estudos de Martins Sarmiento diz respeito a todo o mundo aryano.

Expõe-se n'ella a marcha de uma migração asiatica que, vindo ao longo do Danubio até ao centro da Europa, ali se ramificou seguindo uns o valle de Rhodano outros o valle do Reno; os primeiros penetraram na Italia, os segundos atravessando o estreito foram á Inglaterra, e descendo ao longo da costa vieram parar á Peninsula.

Estas coisas passaram-se dezeseis seculos antes de Christo, quando não luziam ainda ne cós todos os astros e des Danubio opinas viviam os *Arcaicos Apidanenses* nascidos antes da Lua, diz a *Argonautica*.

Ora quando os Gregos da *Argonautica*, isto é, quando os primeiros Phenicios se abalançaram aos mares do occidente, foi a civilização d'esses povos liguricos aquella que encontraram.

Ao longo do Reno e Rhodano, ao longo da costa occidental da Europa, uma serie de colonias fazia o commercio do estanho, vindo d'Inglaterra, onde os Albiões, ramo de ligures, o tinha descoberto.

Um grande socego reinava então sobre a terra e os Hyperboreus podiam das tristes regiões geladas trazer as suas offerendas aos sanctuarios de Dodona e Delos.

Mas ao tempo dos Phenicios da *Sea Mactilina* sen-

tiam-se já os primeiros rebates de um desastre que dentro em pouco (seculo VII a. C.) havia de aniquilar toda esta civilização do povo dos dolmens e por assim dizer fossilisal-o.

Os ligures do Baltico haviam-se acolhido ao sul d'Inglaterra destróçados.

Os celtas descidos da Scandinavia tinham-lhes invadido o paiz, e o medo dos pobres ligures era tanto que, receando vel-os surgir na costa fronteira, nem ousavam descer á praia.

Felizmente para elles o perigo de morte tinha passado na occasião. Os homens do norte ganhando o Reno desciam até ao centro da Europa escravizando e trucidando as populações.

E deu-se então o desastre.

Tomadas as fontes do Reno, Rhodano e Danubio, o mundo preceltico ficou completamente desorganizado, o commercio do estanho perdido e os pios Hyperboreus não mais trouxeram as suas oblações aos templos da Grecia.

Estas são, esboçadas muito ao de leve, as conclusões a que chegou Martins Sarmiento.

Não obstante o sr. Theophilo Braga em o numero especial da «Revista de Guimarães» diz:

«Apontaremos como um dos seus mais gloriosos triumphos, o estudo sobre os *Argonautas*; porque n'este livro chegou a resultados confirmados por eruditos estrangeiros sem que mutuamente se conhecessem.»

Estas palavras espantaram-me, e logo, para saber quem fossem os eruditos que assim apoiaram as investigações do nosso sabio patriocio, vi as linhas subsequentes e n'ellas li que era apenas Theophile Cailleux auctor da *Origine celtique de la civilisation de tous les peuples de l'Europe*, onde «sustenta que a civilização é originaria das regiões atlanticas e que d'ali se expandiu para os dois continentes.»

Então é que o meu espanto subiu á altura da estupefacção.

Origem celtica da civilização, e a obra de Sarmiento descrevendo os celtas como barbaros que onde paravam assimilavam a civilização do paiz!

Civilização originaria das regiões atlanticas, e a obra de Sarmiento descrevendo, desde a Asia, a marcha do povo que para aqui a trouxe!...

Mas todo o alcance do erro de Theophilo Braga só o comprehendí quando pude saber que Cailleux colloca o berço da primitiva civilização na Batavia e a proposito da Illiada põe Troia na Inglaterra.

E' fazer uma ideia falsissima do que foi na sciencia Martins Sarmiento, comparal-o com Cailleux, um visionario que se tinha proposto e não se tentou demonstrar que as terras descriptas na Biblia não eram a Palestina e regiões circumvisinhas.

Ora, para que semelhante engano se não propague, para que a data (Paris 1878) indicada para o volume francez não pareça uma insinuação, era bom que o professor lisbonense explicasse, ao mundo scientifico, não a mim, aquillo que pretendeu dizer.

Bem longa vae já a caminhada e porque estejam de ha muito cansados os que lêem, e eu mesmo cansado tambem, remato dizendo como um dia o Camillo:

—Que escura e triste coisa é a sciencia, ó Francisco Martins!

Em Guimarães  
aos 2 de março  
de 1902.

JOÃO DE MEIRA.

AS ligeiras referencias que vão ler-se ácerca da notavel acropole de que aqui se dá gravura, têm por fim o cumprimento de dois deveres de amizade affectuosa e de gratidão infinda.

Accedo, pois, aos desejos d'um amigo e presto mais uma vez homenagem á memoria sempre saudosa de Martins Sarmiento, do meu queridissimo mestre que tanto e tão sinceramente se interessou pelos meus adiantamentos scientificos.

Póde dizer-se, sem receio de contestação, que raro apparecem entre a humanidade homens de tão comprovada honradez litteraria e que, como elle, tantas sympathias conquistem!

Duas vezes tive a honra de visitar em sua companhia as ruínas do Sabroso e da Citania, quando elle se recreava no seu solar de Briteiros. Num relatório das explorações que ha pouco iniciei nas proximidades de Braga, alludo ao carinho e á paciencia com que então soffreu as minhas interrogações, enthusiasmos ambos, mestre e discipulo, por entre aquelles restos d'uma cidade morta.

Barros, Estaço, Craesbeck, e o Bispo d'Uranopolis, coadjutor do Arcebispo Primaz D. Rodrigo de Moura Telles, conheciam as ruínas da Citania, e a ellas se referiram com a superficialidade propria do atraso d'estes estudos no tempo em que viveram aquelles antiquarios.

Em 10 de Julho de 1874, o dr. Martins Sarmiento ordena, eusteia e dirige a exploração da Citania; e tres annos depois (em 1877) os trabalhos, que proseguiram, poseram a descoberto muitas preciosidades archeologicas do Sabroso protohistorico, isento de vestigios da civilização romana, mas denunciador da idade do ferro, circumstancia esta assaz notavel para o estudo dos povos da antiga Lusitania.

A Citania foi visitada por alguns dos nossos homens de sciencia no dia 1.º de Junho de 1876; no dia 1.º de Outubro de 1880 foi igualmente visitada pelos membros do Congresso Internacional de Archeologia e Anthropologia Prehistorica reunido em Lisboa a 20 de setembro do referido anno.

Esta ultima visita de estudo levou longe a noticia dos resultados obtidos pelas excavações sabiamente dirigidas por Martins Sarmiento, e em varias publicações estrangeiras appareceram longos artigos scientificos como os *Matériaux pour servir à l'histoire primitive de l'homme*, por Cartailhac, estudo acompanhado de gravuras, e como o que se lê no *Bulletin de la Société des Antiquaires de France*, por A. Bertrand.

Muitos jornaes e revistas de Portugal e Hespanha, apre-



## Citania de Briteiros

sentaram ácerca da classificação das ruínas opiniões pouco escrupulosas, descrevendo-as cada um a seu modo.

Desgraçadamente alguns destes jornaes contribuíram para o estudo que o já hoje fallecido sabio berlinez Emilio Hübner publicou em opusculo, mas o dr. Sarmiento não tardou a apontar-lhe as muitas inexactidões dando tambem publicidade a um opusculo interessante.

Sob o titulo—*Matériaux pour l'archéologie d'Entre Douro e Minho*, tencionava o sabio vimezanense publicar um trabalho referente ás descobertas da Citania, do Sabroso e de Santa Iria.

A morte porem veio oppor-se á realisação auctorisadissimo do projecto.

Podem ainda utilizar muito os seus apontamentos quando coordenados com rigor scientifico.

O *Oppidum* callaico pertenceu, sem duvida, á tribu Tamacana, uma das quatro em que os antigos geographos Strabão, Pomponio Mella, Plinio e outros, dividiram a Galliza; e a sua principal população, composta das primeiras migrações arianas, e mais tarde romanizada, viveu *plus minus* até ao primeiro quartel do seculo IV. Ha d'isto provas que se consideram seguras.

A continuação dos trabalhos de exploração deve auxiliar o louvavel interesse dos archeologos que procuram conhecer com segurança a primitiva civilização d'aquelle povo.

Na Citania, como em muitos castros do Minho que eu tenho visitado, encontram-se as *fosselles* prehistoricas, e além d'isso muitas insculpturas antigas como espiraes e circulos concentricos. E' notavel a falta de indícios de necropole, porque apesar dos supersticio-

so cello-gaulezes cremarem os cadaveres e, em obediencia á sua crença espiritualista, abandonarem a cinzas, uma ou outra stella appareceria a memoriar o nome do finado, como nas margens do Rhone.

A ultima muralha ou suas immediações podem ainda revelar-nos qualquer facto do tempo em que se inhumavam os cadaveres.

Os monumentos funerarios, que quasi sempre, além do nome e filiação, referem a naturalidade do morto, tem prestado os melhores serviços á geographia e á historia.

Não ha muito que descobri em Braga, uma lapide sepulchral romana cujos diseres corrigem o texto de Ptolomeu na parte referente a Volobriga, cidade que esteve situada em Vianna del Bollo (?), pois na lapide le-se distinctamente: *Bibora Camali f(ilia) Valabrie(ensis), h(ic) s(ita) e(st)*.

(Aqui está sepultada Bloena, filha de Camalo, natural de Valabriga).

Por essa occasião em que, a convite do dr. Sarmiento, lhe dei publicidade na *Revista de Guimarães*, uma voz auctorizada annunciou, em plena sessão da Academia das Sciencias, o valioso achado.

Se exceptuarmos as marcas figulinas, apenas temos da Citania as inscrições seguintes: CAMALI DOMI CATVRO (Caturo da casa de Camalo); CORONERI CAMALI DOMVS (casa de Coronero filho de Camalo); CRON CAMALI (Coronero filho de Camalo); ATVRO VIRIATI (Caturo filho de Viriato), e pouco mais.

Uma ara que apparece-se consagrada ao Genio do logar (GENIO LOCI) viria testemunhar-nos o culto dos ultimos Citanienses.

Citania (Citan) é nome comum. Qual seria pois o nome

proprio da extincta povoação?

No meu livro *Inscrições Romanas* proponho o nome *Avobriga* d'uma lapide encontrada no anno de 1825 em Tarragona, a qual é dedicada ao Flamen Lucio Sulpicio Nigro Gibbiano, Avobrigense.

A extincta cidade de Avobriga (Avo-briga) devia ficar situada numa das margens do rio Ave, como suppõe Hübner. E' pois provavel que a Citania fosse o local d'essa notavel cidade, patria do Flamen do Genio de Roma, de todos os deuses, e dos Augustos divinizados, na Provincia Hispana Citerior.

E' hoje bem conhecida de todos a *pedra formosa* que o fallecido dr. Martins Sarmiento offereceu ao museu de Guimarães. Este celebre monumento que Hübner não pôde comparar a outros do mundo antigo ou do mundo celtico, e que a varios archeologos se affigurou frontão greco-romano, stella, etc., provavelmente influenciados pelos exemplos citados no Caumont, era conhecido ha seculos entre as ruínas da Citania.

O chantre de Braga e abba de Santo Estevão de Briteiros, Ignacio de Carvalho, ordenou o seu transporte do alto, por 7 juntas de bois, até á sua propriedade da margem direita do Ave; d'alli foi em breve removida a expensas do mesmo chantre por 11 juntas de bois para o adro da igreja. Martins Sarmiento quiz que o monumento regressasse ao local primitivo e para lá o fez conduzir com grande difficuldade.

Ultimamente, por uma feliz lembrança, foi, como fica dito, entregue ao museu de Guimarães, onde se encontra, ao centro da magnifica arcaria do antigo claustro dominicano, (seculo XIV), suspensa em quatro curtos pilares

de pedra e resguardada por uma cobertura, como era de necessidade urgente.

Esta posição tem por fim facilitar aos estudiosos o exame na parte inferior.

De todos os monumentos que enriquecem o referido museu é este o mais notavel.

Fartou-se de viajar o precioso callhan!

As quarenta casas postas a descoberto, as tres muralhas, os tres fossos, calçadas, praças imbrices, tegulae, numismas, ceramica, tudo enfim tem contribuido para a classificação das ruínas.

Quem quiser adeantar mais n'este ponto, ha-de esperar por novas excavações.

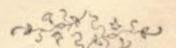
A dignissima Direcção da Sociedade Martins Sarmiento, com o seu patriotico enthusiasmo em bem servir a mais honrosa instituição vimezanense, que é ao mesmo tempo condigno monumento levantado em honra do eminente sabio, não perderá de vista as seguintes disposições testamentarias de Martins Sarmiento: «Deixo á Camara Municipal d'esta cidade e concelho de Guimarães a parte do monte de S. Romão, na freguezia de S. Salvador de Briteiros, de natureza foreira á mesma Camara, onde es tão as ruínas da Citania, e todos os meus aparelhos photographicos e *utensiles* da Citania e Sabroso, mas com a condição de ser a administração e conservação de tudo isso entregue á Sociedade Martins Sarmiento, instituida n'esta cidade, emquanto ella durar.

Deixo á mesma Sociedade qualquer quantia que ella me esteja devendo ao tempo do meu fallecimento, e bem assim lhe deixo a minha quinta do Carvalho, sita na freguezia de S. Salvador de Briteiros, com as suas respectivas pertenças, para que com o rendimento d'ella pòssa prover aos reparos ou continuar as excavações da Citania ou de qualquer outro monumento archeologico, etc.»

Propositadamente cito estas palavras para que, logo que as circumstancias o permitam, se procure *prover aos reparos* indispensaveis nas venerandas construcções da Citania, e se estude o meio de salvar da destruição todo o espaço intra-muros, que foi essa a ultima vontade de Martins Sarmiento, o brilhante luminar da sciencia.

GUIMARÃES,  
9—III—902.

ALBANO BELLINO.



GEMLAS

Ai! Laura, bem sabes, que a chamma era para lo v'vico affecto que tu tive por ti—  
Olla... hoje inda ás vezes, com muita amargura,  
Me lembro das fallas, que outr'ora te ouvi.

O tempo a teu lado passei-o esquecido,  
Mirando-te absorto—vivia tão bem!—  
A minha saudade solta inda um gemido,  
Cobarde! um gemido!  
Devendo tu, se muito, sorrir de desdem.

Da tua cruzada esquecer a memoria  
Aos ecos de monte jurei sempre em vão;  
—Tão funco na mente gravada era a historia  
Dos sonhos que um dia nutria a illusão!—

E vi-a mais tarde—depois de trahido—  
Olla-me indifferente, sorrio—inda bem!—  
E a minha saudade soltou um gemido,  
Cobarde! um gemido!  
Mas pude encanal-a, sorrir de desdem.

E vi-a mais meiga, mais triste que outr'ora,  
Na sala cadente girar com primor;  
Os languidos olhos, que o par lhe namora,  
Reclamam fadigas d'insomnias d'amor.

E ao ver os seus olhos—por quem já perdido  
Em castos delirios andara tambem,  
A minha saudade soltou um gemido,  
Cobarde! um gemido!  
Mas pude encanal-a, sorrir de desdem.

E vi-a. Nos labios mais graves, mais sérios  
Vi ja-lhe um rizo de triste expressão.—  
—Não sei que amargura, não sei que mysterio  
Nos labios, nos rizo occultos estão.

E ao ver os seus labios senti-me offendido  
Do rizo, e mysterio que o rizo contem,  
A minha saudade soltou um gemido,  
Cobarde! um gemido!  
Mas pude encanal-a, sorrir de desdem.

E vi-a. Na trança se enleia a capella  
De rosas formosas de nitido alvor.  
Emblema... ah! dizei-me não flôr a mais bella...  
Na c'ra da virgem não flôr a mais bella?

Sorriam d'escarnio...  
—Que pranto heí vertido  
Por ti, flor singella, perç'a creem!—  
A minha saudade soltou um gemido,  
Que triste gemido!  
Não pude encanal-a, nem rir de desdem.

Guimarães—Junho de 1852.

F. MARTINS.

De «O Barão»—Jornal de poesias inéditas pu-  
blicando desde março de 1852 a maço de 1854, pag.  
391.

UMA EXCURSÃO DE F. SARMENTO

NA ultima quadra do anno findo produziu-se certo barulho em volta da Citania de Ferreira, de Eiriz, ou de Roriz—todas estas denominações e ainda outras têm passado em julgado—com o louvavel intuito de preservar as velharias, que por ali existem, da rapacidade dos prescutores de thesouros encantados, ou por ventura dos renovadores das paredes circunjacentes, que por vezes ainda são mais para reccar que os ingenuos cyprianistas. Aguardam-se uns fallados engenheiros que da capital seriam mandados afim de estudar o caso e que, sem duvida, não deixarão d'apresentar ás estações competentes longos e instructivos relatorios ácerca das preciosidades que descobrirem.

Recebam-se pois ao som das classicas trompas esses illustres exploradores, que, cercados de numeroso estado menor, darão duas cavadellas no monte, secundadas pela inseparavel parlandia, e depois de reunir meia duzia de caquinhos, pela certa os farão transportar para a cidade de marmore e granito, furtando-os ás vistas dos provincianos, que não são competentes para resguardar taes pre-

ciosidades. Só em Lisboa estarão a coberto de precalços!

A proposito disse-se que o dr. Francisco Martius Sarmiento, haverá 30 annos, fora corri-lo pelos povos d'aquelles sitios e não podera por isso eucetar as excavações que ali intentava. Pura phantasia, ou antes equivooco d'informação.

Referindo agora, á face do *diario archeologico* de F. Sarmiento, conservado na bibliotheca da Sociedade, a sua visita áquelle local, concorre-mos para desfazer a immerecida censura que pesa sob e os bons vizinhos da Citania de Paços de Ferreira e prestamos a nossa homenagem de saudade ao amigo nunca esquecido.

Pelo meado da primavera de 1879 o nosso illustre conterraneo, achendo-se em Roriz em casa de sua irmã, aproveitou o ensejo para visitar a Citania e seus arredores, cujas ruínas eram já conhecidas dos nossos antiquarios pelo menos desde Serra Crasbeck e Contador d'Argot.

A 29 d'abril, quando ao longe, nas sédes dos concelhos limitrophes, o mundo official, burocrata, solemnisava ruido sa mente a outorga da Carta e as philarmónicas deliciavam os apaixonados com o hymno da dita, F. Sarmiento, em companhia de seu sobrinho o sr. dr. Manuel Marinho, pisava os tojes e pedregulhos da Citania e desenhava os penedos rajados, a pedra posta e a lage da estatua;

escutava o som do penedo do sino; assentado no penedo da lua contemplava, meditando na genesis das gentes que em remotas eras ali estacionaram, o dilatado e formoso panorama, que se desenrolava a seus olhos; decifrava e copiava inscrições, publicadas mais tarde no *Boletim dos Archit. e Archeol.* e transmitidas a E. Hübner; inquiria os roçadores e tomava nota das informações, que de bom grado lhe eram prestadas; descia a des-sedentar-se na fonte da moura e, recommendando ao seu companheiro a averiguação d'uns penedos com lettras, que não podera visitar, recolhia-se satisfeito á formosa vivenda dos seus a descen-

çar da fadiga da excursão e na convivencia da familia estremecida disia-se feliz porque não perd-ra o dia.

As impressões, que trouxe da Citania de Ferreira, consignou-as nos seus preciosos *Antiqua* por estes termos: «As ruínas são innegavelmente mais pequenas que as de Briteiros. Tinha apenas uma ordem de muralhas, cujo cerco é muito visivel, embora aqui e ali houvesse como um lanço mais extraordinario reforçando a defeza em alguma quebrada. Para o lado do poente as construcções parece terem abundado mais que para outra parte, talvez porque a pedra fosse menos saqueada d'este lado.

Distinguem-se ainda construcções quadradas, extensas, circulares e algumas circula-

parece extremamente bem recolhido. Ha signaes de entradas para a fortaleza, que seguem em calçadas do typodas da Citania, mas que parece não irem longe.»

Quantas vezes, do terrasso do seu palacete, F. Sarmiento prendia a attenção dos amigos fallando-lhes d'esta e d'outras Citanias, que d'ali, ao longe, se avistam e almejam ainda—e por quanto tempo?—um cavador consciencioso e intelligente que, como á de Briteiros, as faça resurgir dos escombros em que jazem!

ABBADE DE TAGILDE.

A FREI BERNARDO DE BRITO JUNIOR

Subsidios para a historia das sociedades archeologicas em Portugal

MAL sabe, meu frade, o prazer que me deu com a leitura das suas *Notas da velha historia patria*. Uma coisa senti: foi que tão pouco dissesse de Mendo Fagundes. Eu possuo os tres pergaminhos, a que se reporta, e vou extratar d'elles noticias tão curiosas e veridicas, como as suas, visto estar provado que o publico se vae apaixonando pelos trabalhos de alta erudição.

Mendo Fagundes, o Olisiponense, como lhe chama o pergaminho n.º 3, era um sabio, diz frei Bernardo muito bem. Tinha, porém, uma mania, porque n'este ponto os sabios e os tolos assemelham-se como duas gottas d'agua. Fallava n'elle com certeza a alma dos Viriatos, dos Reburros e Reburrios, e d'ahi uma irritação chronica ao ver que as memorias d'aquelles tropinambás, como os figura o Herculano e o C. de

F., eram vendidas aos estrangeiros, mal surdião das entranhas da terra. E' de advertir que n'aquella epocha pouco mais havia, que particulares e irmandades, dadas áquelle lucrativo modo de vida. Entre estas contava-se a de S. Cypriano, com o centro no berço da monarchia e a circumferencia da sua actividade até á raia secca e molhada.

Foi com ella que o Mendo embirrou mais e não sem razão. Aquillo, se lhe não cortam os voadoiros, era gente para não deixar um caco velho n'esta terra de Reburros. Algumas vezes de dia, a maior parte das vezes de noite, lá andava por esses montes e valles uma tropa d'aquelles cyprianistas com o livro do seu orago na mão, a competente vara de avelleira branca, um padre (esse ia por seu pé), e os demais pretechos; e em sitio, onde cheirasse a moiros, depois de traçados os circulos mágicos, o sino-saimão e o resto, o diabo era

intimado a apresentar os thesouros que alli guardava escondidos.

Por mais tempestades que elle fingisse, por mais espantosos que fossem os roncos dos trovões com que as instrumentasse, os nossos vimaranenses estavam cheios de conhecer aquellas tretas; apertavam o torniquete dos esconjuros em nome do Padre e do Filho, e o diabo não tinha outro remedio senão render-se. D'este modo a irmandade enchia-se de thesouros.

A primeira vista taes preciosidades faziam lembrar a feira da laira; pedras em letras safadas, azas d'uma panella de barro podre, pregos meio comidos, uns verdes, outros cõr de ferrugem, a decima parte d'um nariz de metal, etc., etc. Sim; mas os estrangeiros sabiam que tudo aquillo era oiro encantado; trocavam-n'o por oiro desencantado e levavam tudo. Era uma varredoura.

Mendo Fagundes sabia tudo isto e não cabe em prosa a historia do seu martyrio.

Uma noticia surprehendente com respeito á latitude e longitude geographica, foi a gotta de fel que fez desbordar o calix já cheio: os cyprianistas do berço andavam já a esfossar junto de Bragança! perto da raia secca!!

Era a verdade pura. Como se vulgarisou a façanha d'estes furathesouros, que deviam trabalhar mais de noite, que de dia?

Aqui está como: dil-o o pergaminho n.º 4. O diabo andava já tão moído por aquelles massadores, e S. Cypriano tambem, que, quando algum d'elles assomava a distancia, o santo e o diabo fugiam que voavam cada qual para seu lado. Para sermos tão escrupulosos, como frei Bernardo, devemos dizer que n'este ultimo ponto ha uma duvida igual á da perna entalada de D. João de Castro. O pergaminho n.º 5 conta que o santo e o diabo fugiam para o mesmo lado. Certo é que fugiam a tão bom fugir que ninguém os podia apanhar. Foi necessario portanto recorre ao alvião e á enxada para desenterrar os thesouros do campo brigantino e á luz do dia; e aqui está como a noticia se foi espalhando e engrossando por todo o reino. O que se não inventou! Cada cavadella trazia punhados de oiro em pó: as estatuetas de oiro, os vasos de prata, as joias não tinham conta. Era tudo péta; mas o Mendo Fagundes quer dormindo quer acordado, não via senão uma longa arreata de machos choutando de Bragança para Guimarães e levando sobre o albardão aquellas preciosidades que os estrangeiros não tardariam a abocar.

F. FAGUNDES.  
(Martius Sarmiento)

(Do obelo ás creanças collaborado por Sarmiento, Camillo e J. F. Moulinho).

CAMILLO E SARMENTO

MEU PRESADO F. MARTINS.

Cahimos em pecegada de alto lá com ella! O Moutinho tem feito uma bexiga com o livro que não ha hi coisa que mais diga em materia de espalhafato. A final, o nosso livro não passa de um modesto aranzel, um pouco pochade e outro pouco charivari. E isto com retratos! Eu contrariei a ideia theatral das veras effigies; mas o homem, á parte a caridosa intenção, é teimoso como um burro... litterato, vá lá. Tem-me estafado com cartas; p.' não ter mais q. pedir pede epigraphes. Que deabo! epigraphes para a creche! Estou a ver q.' me pede uma collectanea de apophthmas. Já sei que lhe apanhou



Martius Sarmiento

o retrato. Metti-o em boa tra-  
moia, meu caro Martins. Aguen-  
te-se com a carga de gloria emi-  
nente.

Do seu dedicado

Camillo.

MEU CARO AM.<sup>o</sup>

..... Eu já não sei o que  
possa dizer-lhe. E' tambem uma  
infelicid.º

O auctor dos folhetins Md.<sup>o</sup> R.  
é um tal Nicolau de Brito, de  
Lisboa.

N'esta semana vai para Lx.<sup>a</sup> o  
Basto do *Nacional* a fim de solli-  
citar a brevid.º da m.<sup>a</sup> despro-  
runcia. Espero estar livre no  
meado do mez que vem.

Estou a cahir n'uma atrephia  
completa de corpo e alma. Não  
é desanimação é doença, a ve-  
lhice extemporanea, chamada  
pela desgraça.

A D. Anna vive melhor e mais  
esquecida.

Seu do c.

Camillo.

Cadea  
18 de 9.<sup>to</sup> de 1860.

DEDICATORIA

DO

No Bom Jesus do Monte

A

Francisco Martins de Gouvêa Moraes Sarmiento  
DE GUIMARÃES

MEU AMIGO

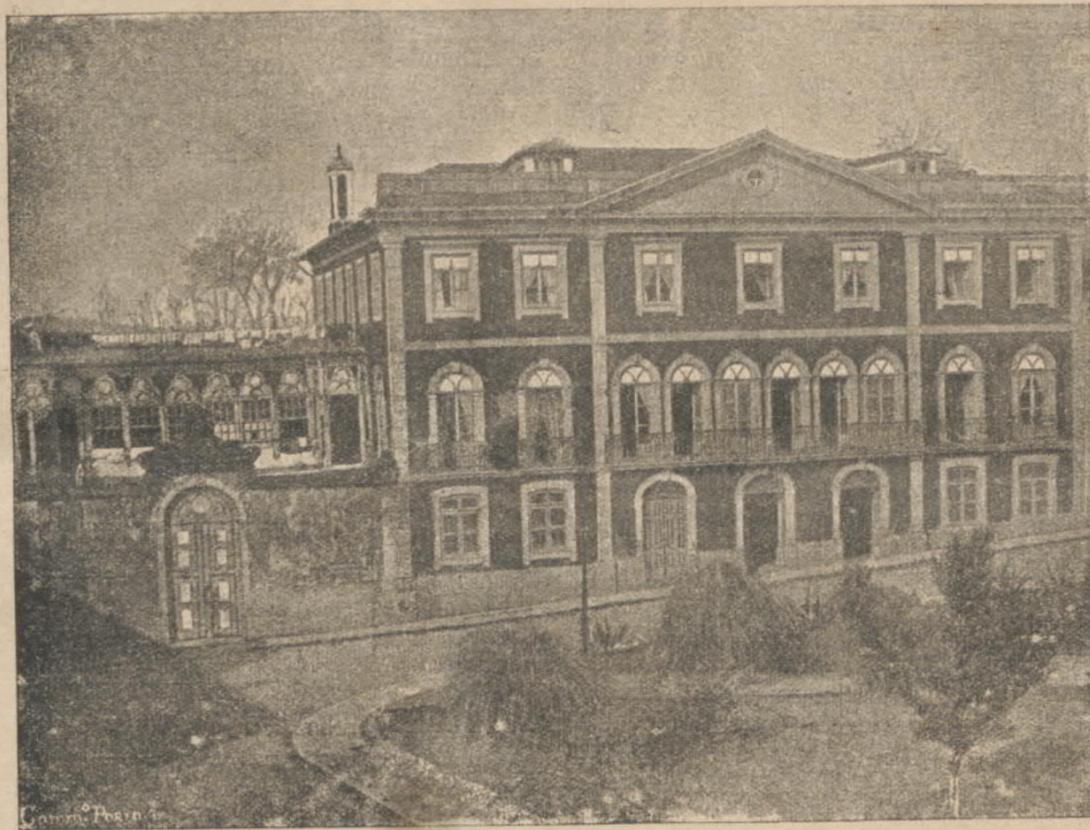
Se vossê, hoje, p or volta de  
duas horas da ta de, subisse á  
espinha das serras que sobran-  
ceiam o seu magestoso palacio  
de verdura, e apontasse de lá o  
seu oculo para estas eminenci s  
do sul, via-me n'um cabeço de  
outeiro, que chamam aqui o *cas-  
tello de Vermoin*. No penhasco  
mais a pico me assentei, olhando  
por essas pradarias fóra, até ou-  
de a corda de sérros me abali-  
sava o horisonte, para além do  
qual se transmuntava o meu es-  
pirito a visitar Francisco Martins  
entre os seus milhares d'amig-  
os—milhares de livros, quero  
dizer.

Eu bem sabia que vossê, do-  
brando a pagina da brochura, e  
accendendo o quinquagesimo ci-  
garro, acolheria o hospede de-  
sonhastamente, perguntando-  
lhe:

—Que faz no castello de Ver-  
moin a materia que te cá man-  
dou, espirito?

—A materia que me cá man-  
dou—responderia o *eu* com ambi-  
ções de—graça desde que o amor  
das christans lhe desmiolou a ca-  
vidade crancana, anda em cata de  
moiras encantadas, no impio propo-  
sito de moirisar-se, se alguma o  
involver nas madeixas negras,  
destrangadas com pente d'oiro e  
perolas. N'este ruim fadario,  
quella pobre materia, onde me  
choa transmigrado por effeito de  
raosei que malfetorias da mi-  
nha vida anterior, vagamundeia  
por castellos velhos, pardieiros  
insilvados, e toda a especie de  
ruinarias. Eu vou n'aquelle corpo  
onde me elle leva; pórem assim  
que sinto latejar-lhe no coração  
alguma saudade de amigo, aper-  
to com elle, estampo-lhe paincis  
de bem tristes memorias em tu-  
do que possa lisongear-lhe os  
sentidos grosseiros, e consigo as-  
sim desatar-me da materia, e  
avoejar ao amigo, que lhe deu  
no coração o rebate da saudade.  
Por isso aqui estou.

Isto dito, entrava o meu Fran-  
cisco Martins, com alçada de ami-  
go e irmão, a syndicar do meu



CASA DE FRANCISCO MARTINS SARMIENTO (ONDE FALLECEU AOS 9 DE AGOSTO DE 1899)

delegado coisas meramente do  
fôro d'elle, e havia de sorrir ás  
respostas, que o fariam ent rae-  
cer ha dez annos. O meu espiri-  
to, porém, contente do seu ri-  
dente agasalho, viria diz r-me:

«Ouviu-me; soffreu em quanto  
pôde os impulsos do riso; mas a  
final desafogou na mais sensata  
das casquinadas, e fallou assim em  
conclusão:

—Vai-te ao castello de Ver-  
moin, e diz á infausta materia, cu-  
ja és, que se não desça de lá sem  
que a fome e a sede a atormentem.

—Ha ideia philosophica em  
semelhante aviso?—perguntaria a  
minha materia ao meu espirito.

dos meus credits, grangeados  
em tanto lavor de livros, nos  
ques eu quiz mostrar que o co-  
nhencia a elle e aos outros. Quer  
dizer...

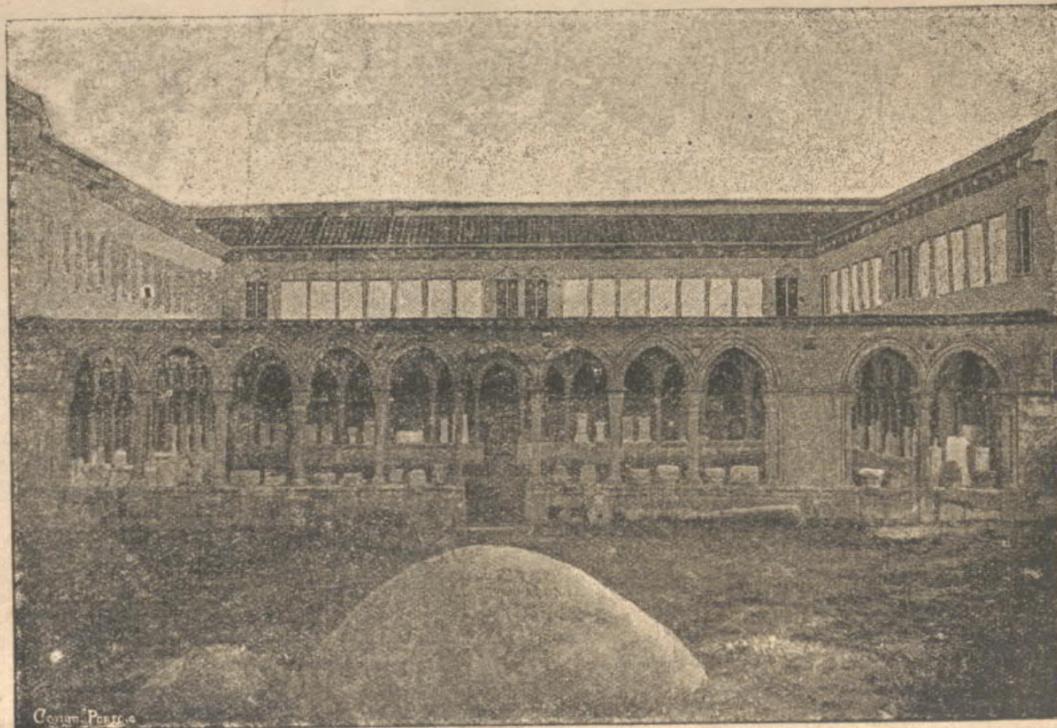
—Basta!—interromperia eu—  
Caro has de pagar a audacia com  
que me vers commentar as pa-  
lavras do Francisco Martins. Eu  
te farei abafar nas intumescencias  
da baixa viscera...

—Do estomago?—havia de el-  
le atalhar—Relamoria bravata,  
minha pobre sandia! Tomara-te  
eu mais atuxada de fibra san, e  
regada de meandros de bom san-  
gue, que eu me remortaria sob-  
re estas feminidades pirvoinhas

regalias da minha irman? Cita-  
m'a lá!

Ponderadas estas e outras  
clausulas irrespondiveis do meu  
espirito, desci do castello de Ver-  
moin, e, sentado á mesa farta da  
hospitaleira casa que me agasa-  
lha, experimentei o elasterio das  
mucosas, desde a abertura do  
esophago—portico magnifico do  
templo por onde fazem triumphal  
entrada muitos homens de  
polpa—até ao cardia, outra por-  
ta por onde sahe o mais acriso-  
lado amor de patria d'elles, para  
entrar na commum elaboração da  
materia universal.

Afogado o espirito nos vapo-  
res d'uma digestão difficil, vim



MUSEU ARCHEOLOGICO DA SOCIEDADE MARTINS SARMIENTO (VISTA GERAL)

—Ha, bruta!—responderia el-  
le—Quer dizer que, no estado  
a que te reduziste, uma só sen-  
sação—fome e sede—te podem  
aligar agradavelmente á realeza  
plastica. Vem a dizer que te des-  
ças d'esses mundos fumarentos,  
que te aze lam as lagrimas nos  
olhos e te empeçonham o ar dos  
pulmões. Quer dizer que, de espiri-  
tualisares em demasia a tua ani-  
malidade, tocaste o extremo da  
brutificação. Quer dizer que cuides  
mais de ti do que de mim, e  
aqui do coração, meu nescio vi-  
sinho, que tem abuso do meu  
nome em villissimas negociações  
com a materia alheia, fazendo-me  
perder noventa e nove por cento

em que me trazes anazado ha  
vinte e dois annos! Não sabes tu  
que Newton e Descartes comiam  
mirificamente? Quando ouviste  
dizer que Luiz de Camões jejuara?  
Almeida Garrett pompeava  
nas esquisitices da mesa. Alexan-  
dre Herculano dá jantares de  
Luculo aos litteratos que te fa-  
zem umas cantilenas metricas tão  
cepilhadas pelo gume do ideal,  
que parecem suspiros de sylphos.  
O Castilho, o subtilissimo poeta,  
come legumes, é isso verdade;  
mas já o viste misturar camarões  
e salada de lagosta, e outras  
iguarias nervosas aos feijões car-  
rapatos? Que summidade intelli-  
gente careceu de me sacrificar as

sentar-me a escrever-lhe esta  
carta, Francisco Martins, por de-  
baixo do seu nome, que eu tinha  
posto na primeira pagina de um  
livro, offerecido á sua amizade.

Desculpe, Francisco Martins,  
estas delongas á conta d'uma ar-  
vore. Vossê sabe que amor eu  
tenho ás arvores. Andam-me got-  
tas de sangue celta nas arterias;  
antes me queria a viver entre os  
barbaros adoradores do Teutales,  
que entre os calaceiros pastorin-  
hos da Arcadia.

Este livro, que eu lhe dedico,  
tem muito com arvoredos. Fez-  
se a pedação, ou a pedação o  
coração o foi encadernando nas  
florestas do Bom Jesus do Mon-

te. A minha ambição é possuir  
uma arvore que me cubra com  
um pavilhão de folhas a ca: a de  
sete palmos, que hei de comprar  
n'um cemiterio, onde os meus  
visinhos não tenham epitaphios  
que façam rir os visitantes. Não  
sei quando entrarei em negocia-  
ções com o municipio acerca  
d'esta propriedade: será quando  
o preço d'um livro me der para a  
sepultura e para a arvore. Um  
escriptor assim ambicioso em  
Portugal tem que esperar.

Meu amigo, adeus. Aqui tem  
os effeitos spasmodicos do en-  
chimento do estomago. O estylo  
não é o homem, é o alimento.  
Creio que volto ao castello de  
Vermoin para rarefazer, á cor-  
rente do ar, as vaporações que  
me obumbram o espirito. Um su-  
jeito que se nutre do perfume  
das flores será infeliz; eu, porém,  
mais quero o espirito em penas,  
que em lethargia. Agora sinto-me  
infeliz e bruto.

Accete vossê assim, meu caro  
amigo, a amizade agradecida e o  
livro menos vivedouro que ella,  
do seu

6 de Março de 1861.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Dos Echos humoristicos

«No Brasil deve saber-se que  
existe em Guimarães um homem,  
que a expensas suas, trabalha ha  
doze annos na exhumação d'uma  
«cidade» celtica ou phenicia. E'  
Francisco Martins de Moraes Sar-  
miento, homem rico, um estudioso  
indefesso e archeologo irrealisavel.  
Em Hespanha, França, Inglaterra  
e Alemanha são conhecidos os  
seus trabalhos da Citania e repro-  
duzidos os exemplares das exca-  
vações, acompanhados de sua pro-  
funda critica, muito assignalada  
pela modestia com que o doutis-  
simo explorador se apresenta.

Lembrou-se o marquez de Sousa  
Holstein surprehender Francisco  
Martins com a commenda de S.  
Thiago no banquete que o exhu-  
mador da Citania offereceu aos sa-  
bios que a visitaram.

Pediu a commenda, cuidando  
que abria ao rei e ao ministro o  
ensejo de honrar S. Thiago. O  
rei talvez ignorasse que nos arra-  
baldes de Guimarães havia um ex-  
cavador de ruinas maiores de dous  
mil e quatro centos annos; e o mi-  
nistro, duque d'Avila e Bolama,  
respondeu que não reconheciam  
protegido do Marquez de Sousa  
meritos relevantes para commenda-  
dor. Crêr-se-hia que Antonio José  
da Villa, como seu pae, ou d'Avi-  
la, como elle se appellida, descen-  
de do Avilas duques? Não. Este  
duque não vem dos gardingos de  
Pelagio. Elle não daria um habito  
de Christo a seu pae, um laborioso  
sapateiro ilhéu, se seu pae desco-  
brissem uma cidade carthagineza,  
sem outros meritos provados na  
pericia d'umas meias solas bem  
gaspeadas.

Decorridos mezes, esta miseria,  
que devia ser secreta como as  
prostituições, chegou á noticia de  
Francisco Martins. Se elle tivesse  
uma alma ordinaria e um mereci-  
mento trivial, o pungimento da af-  
fronta devia ser crudelissima re-  
compensa; mas Francisco Martins,  
na sua lide archeologica, satisfazia  
uma paixão, que não podia ser per-  
turbada por villanias de reis nem  
de ministros. Ha pouco tompo, ou-  
tro secretario d'estado, quando  
mandava lavar decreto de mercê  
do habito de S. Thiago a um pia-  
nista, ordenou que se lavrasse iden-  
tico para o explorador da Citania.

Isto duplica a porcaria—permit-  
ta-se a palavra, que não é mais suja  
que o facto; mas não se póde im-  
putar a intenções offensivas o que  
pertence á decomposição podre de  
tudo isto que se está esphacelan-  
do. Francisco Martins passou pelo  
asco de regeitar a graça que lhe  
vendiam por quatro ou cinco du-  
zias de libras.»